

PRÁTICA TRANSLÍNGUE DE ESTUDANTES SURDOS NO *FACEBOOK*Nelson DIAS¹

RESUMO

Este presente artigo traz uma discussão sobre tecnologias digitais e o problema na produção escrita dos surdos, para isso, teve como objetivo, fazer uma análise sobre as práticas translíngues que ocorrem nas redes sociais pelos estudantes surdos. O texto traz uma explanação sobre a mudança de “*ethos*” na comunicação com a utilização das tecnologias digitais, relaciona os tipos de linguagens que são utilizados nas redes sociais e aborda como as práticas translíngues podem ser inseridas nesse processo. Para fazer as análises, foram utilizadas dez postagens de dois estudantes surdos matriculados na rede estadual de educação básica. Em seguida, o texto faz uma discussão sobre os dados coletados e revelam que a forma que os estudantes escrevem nas redes sociais tem íntima relação com uma prática translíngue envolvendo uma representação da língua de sinais expressada na forma escrita da língua portuguesa.

Palavras-chave: Prática translíngue. Surdo. Tecnologias digitais.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa são oficiais, a língua de sinais sendo de modalidade visual-espacial e a língua portuguesa oral-auditiva, uma usada nas comunidades surdas e a outra usada em todo território nacional. Na legislação que regulamenta a Língua de Sinais no Brasil – Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 – afirma que “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa” (BRASIL, 2002). Sendo assim, o surdo precisa dominar essa modalidade de comunicação, entretanto, mesmo com diversas abordagens no processo de ensino/aprendizagem o domínio da escrita está longe de ser uma realidade.

Uma alternativa para contribuir no processo de produção da leitura e escrita é a utilização das tecnologias digitais, afinal de contas, hoje com a globalização, as informações são facilmente disseminadas pela *internet*, com o mundo digitalizado o contato com outras línguas ficou cada vez mais próximo, esmorecendo assim, as fronteiras que foram estabelecidas pela geopolítica internacional. Com o surdo e ouvinte não é

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Especialização em LIBRAS pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL). Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Intérprete de Libras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **E-mail:** nelsonufms@hotmail.com

diferente, a fronteira existente criada pela modalidade das línguas pode ser minimizada pelo acesso a tecnologia, como as redes sociais por exemplo. Um ouvinte que queira se comunicar com um surdo pode fazê-lo sem utilizar-se de língua escrita ou oral, este pode usar os *emoticons*, *gifs*, imagens e vídeos e outros recursos presentes nos aplicativos existentes das redes sociais.

É importante citar que nesse contexto de tecnologia digital o ser social está cada vez mais ligado à *internet*, para Silva (2013) nosso cotidiano revela nossas práticas com o uso da tecnologia móvel, com o *smartphones*, é possível publicar um vídeo, imagem ou áudio com alguns “cliques”, para que isso seja possível é preciso estar conectado a *internet* e poderá compartilhar, localizar lugares e pessoas instantaneamente, e ainda pode ler notícias, abrir o correio eletrônico ou buscar algum documento que esteja nas nuvens. O usuário móvel pode acessar a *internet* em qualquer lugar que esta esteja disponível – ônibus, metrô, praça, lojas, escola, na casa de familiares, entre outros lugares. Isso permite uma redefinição do uso do espaço e criando possíveis “lugares virtuais”.

Pensando dessa forma, os surdos e ouvintes também ocupam esses novos espaços criados, e nesses espaços o estereótipo da surdez desaparece, afinal, novos tipos de linguagens vão emergir desses espaços, o surdo passa ter os recursos das mídias digitais o que pode favorecer uma comunicação entre esses sujeitos sem saber de imediato quem é ouvinte e quem é surdo, isso ocorre principalmente nas redes sociais, os diferentes tipos de mídias, nela existente, permitem, a qualquer sujeito, ampliar suas expressões e produções de sentido, a comunicação não se restringe mais a uma modalidade, mas sim, a várias delas como a escrita, imagens, áudios, fotos e vídeos, transcendem a forma tradicional comunicativa e se convergem para uma nova forma de comunicação.

Com esses “lugares virtuais” é possível estar fisicamente em outro lugar e mesmo assim retornar para sua comunidade virtual. Lichty (2006), corrobora essa afirmação dizendo que o indivíduo móvel é nômade e percorre diversos lugares, entretanto, este pode sempre estar conectado a sua aldeia digital, ao seu coletivo, desde que esteja conectado a *internet* o que presume que o indivíduo poderá sempre estar disponível.

Sendo assim, o sujeito surdo mesmo distante fisicamente, pode retornar, através da *internet*, ao seu grupo social, que pode ser o grupo da escola, da família ou dos amigos do seu bairro, isso promoverá ao surdo maior interação com esses grupos sociais, sendo as pessoas ouvintes ou não, a palavra chave nesse contexto é a comunicação.

Para o sujeito surdo, o acesso a esse meio tecnológico pode possibilitá-lo a

comunicar-se de forma tão efetiva, na modalidade escrita, e, pode tirá-lo da “fotografia” estigmatizada da falta de comunicação. Entretanto, é sabido que dentro da sala de aula a forma culta da língua portuguesa é preponderante no processo de ensino-aprendizagem.

Por isso, o objetivo desse artigo é apresentar uma nova abordagem na educação dos surdos por meio das tecnologias digitais, para isso, pretende analisar, em uma perspectiva da prática translíngua, as postagens feitas no *Facebook* por alunos surdos matriculados na educação básica da rede estadual de ensino. As análises pretendem identificar se existem tais práticas nas redes sociais, e, vislumbrar uma prática pedagógica que possa ampliar o “leque” de possibilidades no processo de ensino-aprendizagem do sujeito surdo.

2 LINGUAGENS E REDE SOCIAL

Os tipos de linguagens utilizados nas redes sociais são carregados de utilização de abreviações e a escrita se aproxima mais próxima da forma falada levando em consideração os fonemas ao invés da forma gramatical culta, fenômeno conhecido como “internetês” que é discutido por Souza e Deps (2012).

De acordo com Souza e Deps (2012) a *internet* mostra essa plasticidade da escrita rompendo com o tradicional da forma culta o que fomenta críticas quanto a escrita utilizada. Segundo esses autores essa característica torna a interação mais próxima da realidade, do espaço físico e faz com que as pessoas sintam mais a vontade no ato da comunicação e aumentem a velocidade nessa interação.

Souza e Deps (2012) ainda enfatizam que no ambiente virtual a escrita, oralidade e recursos visual se convergem apresentando-se numa nova configuração/relação entre texto e escrita tornando-se como princípio fundamental não as regras gramaticais, mas, sim “produzir efeitos eficazes de sentido numa dada situação comunicativa” (SOUZA; DEPS, 2012 p. 164).

Nesse sentido, Miglio (2001) relata que a *internet* pode ter criado uma variante da língua sendo que milhares de brasileiros utilizam as redes sociais e outros novos milhares acessam todos os dias ficando cada vez mais conectadas e assim aprendem a o “internetês” a medida que vão entrando em contato com que conversa nas chamadas salas de bate papo.

No caso do surdo a utilização do “internetês” é possível? Se pensarmos em estrutura fonética a resposta é não, afinal o sujeito pela sua própria deficiência não poderá

reproduzir os sons do ambiente a não ser que seja oralizado, mas pensando pela ótica das abreviações a resposta é diferente. É possível sim, que o surdo lance mão desse recurso, ao ver uma rede social de um amigo que utiliza de abreviações este pode associar tal recurso com um contexto geral das postagens.

Souza et. al (2013) elaboraram um quadro que mostra as principais abreviações utilizadas nas redes sociais, os autores verificaram que essas abreviações tornam a comunicação mais prática e rápida favorecendo a utilização simultânea de outros aplicativos durante a postagem.

Quadro 1 – Abreviações mais usadas nas redes sociais

PALAVRAS	FACEBOOK	TWITTER
Você	Vc	Vc
Por que	Pq	Pq
Pois é	Poizé	Poizé
Só que não	Sqn	Sqn
Vocês	Vcs	V6
Quando	Qnd	Qnd
O que mais	Q+	Q+
Macho	Má	Mah
Fazer	Fzr	Fzr
Mesmo	Msm	Msm

Fonte: SOUZA et al. 2013.

Observa-se que pouco se altera nas abreviações comparando as redes sociais observadas apenas a palavra “Vocês” mostra diferenciação. Nota-se também que as

palavras abreviadas são curtas sendo de fácil associação da palavra correspondente, entretanto, no caso do surdo quando a abreviação ocorre de forma fonética é possível que o surdo sinta dificuldade de relacioná-la, pode-se citar o exemplo da abreviação “V6” que faz referência a semelhança fonética do número “6” com a terminação silábica “-cês” da palavra “vocês”.

Os autores (SOUZA et. al, 2013) citam um exemplo de construção de frase feito nas redes sociais: “Ei pow, ramo dá um role hj?”, “qnd vc vai p/ d flr isu?”. Essa construção mostra abreviação de palavras e escrita por fonema. De acordo com Azevedo (2012), a forma que as pessoas escrevem nas redes sociais preocupam os estudiosos da Língua Portuguesa, já que há uma desestruturação da língua na norma culta.

3 TRANSLINGUAGEM COMO UMA POSSIBILIDADE

Como vimos no tópico acima, existe uma preocupação que o tipo de linguagem utilizada na *internet* desestruture a norma culta da língua portuguesa, a preocupação está diretamente ligada com o processo de vício que estudantes possam ter ao redigir um texto que exige uma estruturação linguística para ser considerado correto, entretanto, o que as redes sociais podem favorecer, é a produção de sentido do que se escreve na rede, usando os recursos tecnológicos midiáticos é possível ampliar o entendimento do que se quer dizer usando uma rede social. Caragarajah (2013) afirma que:

[...] os desenvolvimentos tecnológicos têm facilitado as interações entre grupos de línguas e ofereceu novos recursos para engrenar idiomas com outros sistemas de símbolos (ou seja, ícones, emoticons, gráficos) e modalidades (ou seja, imagens, vídeo, áudio) na mesma ‘página’. Todos estes acontecimentos representam possibilidades e desafios interessantes para comunicar através de fronteiras linguísticas. (CANAGARAJAH, 2013 p. 11).

Dessa forma, pensando no caso específico do sujeito surdo, as possibilidades de comunicação nessa “fronteira” utilizando-se da língua escrita podem ser negociadas com os recursos oferecidos pelas redes sociais, o que o surdo escreve pode ser reforçado com *emoticons*, *gifs* e imagens, assim “eles estão gerando novos modos de comunicação” (CANAGARAJAH, 2013 p. 11), adotando para isso estratégias criativas nesse processo.

Para Canagarajah (2013), o sentido da prática translíngua é a capacidade social que nos permite dar sentido as palavras, buscando um alinhamento, entre cognitivo, social, físico e o contexto envolvido. Nesse sentido, pensando nas produções escritas dos sujeitos

surdos, seria preciso considerar todos esses fatores quando um estudante surdo realiza uma postagem em sua rede social, afinal, ele usará recursos das relações sociais, culturais, religiosos e familiares para produção de sentido na sua postagem. Quando levamos em consideração esses aspectos, é possível explicar por que as produções dos surdos muitas vezes são, incompletas, conflituosas e consideradas erradas.

4 METODOLOGIA

Dois estudantes surdos foram escolhidos para a análise da rede social, foram analisados 10 postagens de cada estudante, os alunos aceitaram participar da pesquisa que é parte de uma investigação de dissertação de mestrado.

Os estudantes são alunos da rede estadual de educação básica do ensino regular. As postagens foram coletadas a partir da linha do tempo da página do *Facebook* dos estudantes, as postagens coletadas foram as mais recentes para que a manipulação fosse mais prática, assim, quando houvesse necessidade em retornar a postagens ficaria mais fácil o acesso a mesma. Uma tabela foi criada para organizar os dados, três colunas foram utilizadas com objetivo de numerar, identificar e registrar o horário da postagem feita.

O método de captura de tela foi utilizado para coletar as postagens dos estudantes, tal procedimento é feito pelo teclado apertando diretamente a tecla *Print Screem* que copia a tela toda do computador em formato de imagem, que pode ser colada direto em um editor de imagem e foi salva no formato *.jpg* em seguida, as capturas foram organizadas em pastas. De acordo com Kozinets (2015) existem duas formas básicas de capturar dados online, a primeira é usar um método de captura que seja legível no computador e a segunda é capturar “como uma imagem visual de sua tela que aparece quando você vê os dados” (KOZINETTS, 2015 p. 95). O autor afirma ainda, que quando os dados a serem capturados possuem muita diversidade como texto, imagens, *links*, como as redes sociais, o melhor método a ser usado é o de captura de tela.

5 DISCUSSÕES

Ao observar as postagens no *Facebook* de ambas as estudantes notou-se uma diferença no tipo do uso da linguagem. A estudante 1, utilizou-se mais do uso da escrita associado a *emoticons* para expressar o que estava pensando:

Estudante 1: “Sol p muitos quente calor ☺”, “— boa noite __escola amanhã todos alunos voltar lá logo Emoticon unsure”. (DADOS DA PESQUISA, 2016).

Das abreviações feitas pela estudante 1, notou-se a utilização da palavra “você” (vc), que evidencia que o surdo talvez não compreenda as formas mais complexas de abreviações usadas nas redes sociais. Erros de ortografia também foram encontradas na escrita da estudante 1, entretanto, pode-se dizer que são próximas as formas ortográficas da língua portuguesa mas, não pode-se afirmar que seja por aproximações fonéticas.

Provavelmente há um zona de contato entre as língua que identifico no registro escrito como erro, na seguinte postagem:

Estudante 1: “unicio feitos alguma desfiar realizar escipal escolhe com no sorriso, sentir amando Usuário do Facebook mencionado.” (DADOS DA PESQUISA, 2016).

Analisando o contexto da frase que é postada juntamente com uma foto (*selfie* da estudante com outro usuário do *Facebook*) demonstram que a palavra “unicio” remete a “único” e a palavra “escipal” remete a palavra “especial” por se tratar de uma postagem que revela sentimentos de carinho entre os envolvidos.

Tanto na primeira postagem e na segunda postagem mencionadas, observei que a estrutura da língua de sinais se faz presente no modo que a aluna escreve, ao escrever as palavras “sol” “muitos” “quente” “calor”, para dar entendimento de que é um dia que faz muito calor, a estudante 1 usa o que chamamos de intensificadores que é uma característica da língua de sinais, dessa forma o estudante procura outras palavras para reforçar o sentido daquilo que quer expressar e assim, negocia as palavras adicionando outras palavras a mais que em um contexto da língua portuguesa não se faz necessário.

Além dos erros ortográficos nota-se que a concordância verbal não condiz com o padrão da língua portuguesa um exemplo que pode-se citar é a seguinte postagem:

Estudante 1: “Pensei mas sentir sem mal, realiza um ser escolhe, bastante risada”. (DADOS DA PESQUISA, 2016).

Nessa frase a partir do contexto pode entender que a estudante está diante de uma escolha e que existe uma situação engraçada envolvida na frase, isso analisando por uma ótica da língua portuguesa. Em uma análise bilíngue, pode-se pontuar é que o surdo acaba

preenchendo as lacunas com outras palavras que conhecem mas não formam o contexto na referida frase, Góes (1996) já observava essa situação em sua pesquisa na década de 90, a autora ao colher um depoimento de uma professora afirma que os alunos tinham essa prática de “preencher” as lacunas em uma tentativa frustrada de dar sentido a frase.

Entretanto, em uma análise da prática translíngua, a inferência de palavras que aparentemente não condizem com o contexto da frase pode ser uma evidência da interferência da língua de sinais sobre a escrita da língua portuguesa, o estudante busca na sua língua materna representação que não encontra na segunda língua, assim, “imprime” uma representação na modalidade escrita.

A dificuldade que o surdo tem ao escrever uma palavra está no fato que o sujeito precisa memorizá-la como um todo, como não tem o recurso da fonética para auxiliá-lo na construção este usa o recurso visual, que é próprio da língua, para aproximar ao máximo da língua portuguesa.

A **estudante 2** utilizou-se predominantemente de imagens para interação no *Facebook*, a comunicação escrita é mínima, restrita apenas em responder comentários na página do seu perfil. Ao postar em sua página uma foto a estudante recebe um elogio de uma pessoa do seu círculo de amizade:

Comunicação de uma pessoa com a Estudante 2: “lindinha da prima ♥♥♥”. (DADOS DA PESQUISA, 2016).

A estudante responde o mínimo possível:

Estudante 2: “♥obrigado ♥ prima”. (DADOS DA PESQUISA, 2016).

Nessa postagem a aluna lança mão de um recurso para poupar palavras, elabora um agradecimento de uma única palavra e usa um coração para representar carinho a outra pessoa. Sugere-se aqui que para evitar erros de língua portuguesa a estudante não escreve e sim apoia-se de imagens para expressar seus pensamentos, negociando o sentido da representação do coração ampliando o entendimento daquilo que escreveu.

Como existe um preconceito dos ouvintes em relação a escrita dos surdos, muitos surdos preferem não escrever com medo de serem ridicularizados ou acabam recorrendo para familiares ou amigos próximos, para ajudarem a escreverem. Karnopp (2015) afirma em sua pesquisa que em uma situação que existem em uma sala de aula, alunos surdos e

ouvintes, os professores indicam apenas livros infantis para os surdos, e os alunos ouvintes, indicam livros com leituras correspondentes ao nível de ensino, a autora afirma ainda que os estudantes surdos temendo olhares preconceituosos, por lerem livros infantis, retornam sem o texto lido para as aulas.

Em outra ocasião, a estudante 2 posta a seguinte frase:

Estudante 2: “boa noite ☺ saúde”. (DADOS DA PESQUISA, 2016).

Novamente observa-se uma restrição na comunicação escrita, e toda postagem vem acompanhada de um *emoticon* para representar um estado de espírito. Nota-se também que não possui conexão entre a palavra “boa noite” e a palavra “saúde”, o que leva a inferir que a estudante desconhece a forma culta da língua portuguesa para formar um sentido que considera-se correto na forma culta.

É necessário ressaltar que a utilização de *emoticons*, imagens e *gifs*, não são exclusivos dessa comunidade, mas sim como um todo usuário da rede social. Mas, é possível inferir, que os surdos utilizem como uma forma de ampliar suas possibilidades comunicativas com outros usuários das redes sociais.

Observa-se que com a prática translíngue, é possível chegar ao entendimento no processo de produção de sentido, dessa forma, não pode-se trabalhar as línguas de forma isolada, pois, pensando apenas em línguas puras podemos fazer uma inferência incorreta sobre a produção realizada pelo surdo dizendo que este apenas tenta reproduzir léxicos que não incorporam sentido ao que escreve e, apenas tentam “preencher” os espaços como se essa prática aumentasse o conteúdo nas suas produções.

Entretanto, olhando as frases produzidas nas redes sociais na perspectiva translíngue, alcançamos tanto a língua portuguesa quanto a língua de sinais envolvidas na produção, com tal prática o surdo não fica tentado “preencher espaços” mas sim, procura colocar as palavras que constroem sentidos na frase, da mesma forma que faria na língua de sinais. Se essa prática fosse colocada em ação, o surdo teria possibilidade de aumentar seu vocabulário e buscaria palavras que ficassem melhor encaixada no contexto que escreve, assim escreveriam aquilo que conhecem dando forma e conteúdo na produção escrita.

A língua portuguesa e língua de sinais apesar de possuírem modalidade tão distintas podem coexistir na prática translíngue, não como complementariedade mas,

como uma simbiose aumentando o poder de comunicação dos sujeitos envolvidos sendo eles surdos ou ouvintes, desmantelando a fronteira criada por centenas de anos entre surdos e ouvintes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bilinguismo como prática educacional tem encontrado vários entraves no processo de comunicação em relação de língua portuguesa e língua de sinais, a modalidade das línguas parece ser o fator mais incisivo nessa diferença, entretanto, para aproximar as fronteiras é necessário num diálogo que leve em consideração a produção de sentidos na comunicação entre os sujeitos (surdos/ouvintes).

Com a prática translíngue as possibilidades podem ser ampliadas no processo de construção de sentido e as negociações no alinhamento das questões de contexto, culturais e sociais promove uma compreensão daquilo que está sendo produzido pelo estudante surdo.

Essa negociação que existe nas zonas de contato entre as línguas envolvidas (língua de sinais e língua portuguesa) pode favorecer a construção mais adequada da produção escrita pelo estudante surdo, que ao entender o sentido e o contexto que envolvido na comunicação, o sujeito pode ampliar assim seus vocábulos incorporando sentido aquelas palavras que anteriormente não significavam nada em sua língua materna.

Trabalhar com as duas línguas e outras envolvidas nesse processo aponta como caminho para surgimentos de novas pesquisas nessa área da translíngua, principalmente nesse novo contexto de comunicação digital. Envolver as tecnologias na prática pedagógica, abre possibilidade de ampliar e construir o conhecimento, seja a comunicação feita em língua portuguesa ou em língua de sinais.

TRANSLINGUAL PRACTISING OF THE DEAF STUDENTS ON THE FACEBOOK

ABSTRACT

The present article provides a discussion of digital technologies and the problem in the written production of the deaf students. On this way, it aimed to make an analysis of translíngual practices occurring on social networks by deaf students. The text provides an explanation of the change of "ethos" in communication with the use of digital

technologies, it lists the types of languages that are used in social networks and discusses how the translingual practices can be included in this process. To do the analysis, we used ten posts of two deaf students enrolled in basic education state system then the text is a discussion of the collected data and it shows that the way students write on social networks has a close relationship with a practice translingual involving a representation of the sign language expressed in the Portuguese language writing.

Keywords: *Translingual practice. Deaf Students. Digital Literacy.*

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. **Linguagem:** a interferência das redes sociais na escrita. 2012. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/linguas-artigos/linguagem-a-interferencia-das-redes-sociais-na-escrita-6019330.html>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

BRASIL. **Lei n. 10.436**, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial [da] União, Brasília, 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 02 abr. 2016.

CANAGARAJAH, S. **Translingual practice**. New York: Routledge, 2013.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

KARNOPP, L. B. Práticas de leitura e escrita em escolas de surdos. In: FERNANDES, E. **Surdez e Bilinguismo**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

KOZINETS, R.V. **Netnografia:** Realizando Pesquisa Etnográfica Online. Tradução de D. Bueno; revisão técnica de T. M. Tosi e R. R. J. Junior. Porto Alegre: Penso, 2014.

LICHTY, P. **Pensando em cultura nômade:** artes móveis e sociedade. Artmov, n. 4, 2006.

MÍGLIO, M. Conversando em internetês. **Internet.br**, Rio de Janeiro, p. 32-35, nov. 1998.

SILVA, A. A.; SOUZA, B. S. S.; BARBALHO, I. J. G.; OLIVEIRA, J. C.; CRUZ, L.V. S.; RODRIGUES S. H. L.; COSTA, E. B. G. Rede (des) dociais: o uso da Linguagem. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFRN, 9., 2013, Natal. **Anais...** Natal: IFRN, 2013. p. 164-171. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ocs/index.php/congic/ix/paper/viewFile/1040/310>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

SILVA, M. G. M. Mobilidade e construção do currículo na cultura digital. In: ALMEIDA, M. E. B.; SILVA, B. D.; DIAS, P. (Orgs.). **Cenários de inovação para a educação na sociedade digital**. São Paulo: Loyola, 2013.

SOUZA, L. P.; DEPS, V. L. A linguagem utilizada nas redes sociais e sua interferência na escrita tradicional: um estudo com adolescentes brasileiros. In: CONGRESSO

INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, 2., 2012, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2012. p. 163-180. Disponível em: <<http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/80.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

Recebido em: 31 maio 2016.

Avaliado em: 31 ago. 2016.

Publicado em: 31 dez. 2016.

Como referenciar este artigo científico:

DIAS, Nelson. Prática translíngue de estudantes surdos no *Facebook*. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 79-90, dez. 2016.

DIAS, N. Prática translíngue de estudantes surdos no Facebook. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 79-90, dez. 2016.